

MONOGRAFIA: A PESQUISA AO ALCANCE DE TODOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Clélio Campolina Diniz
Reitor

Rocksane de Carvalho Norton
Vice-Reitora

Pró-Reitoria de Graduação

Antônia Vitória Soares Aranha
Pró-Reitora

Carmela Maria Polito Braga
Pró-Reitora Adjunta

Fernando Selmar Rocha Fidalgo
Coordenador do Centro de Apoio à Educação a Distância

Ione Maria Ferreira de Oliveira
Coordenadora da UAB UFMG

Faculdade de Educação

Samira Zaidan
Diretora

Antônio Júlio de Menezes Neto
Vice-Diretor

Curso de Pedagogia UAB-UFMG

Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Coordenadora Geral

Tânia Margarida Lima Costa
Vice-Coordenadora Geral

Sérgio Dias Cirino
Coordenador do Eixo Integrador



Aparecida Paiva

MONOGRAFIA: A PESQUISA AO ALCANCE DE TODOS

**Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Tânia Margarida Lima Costa
(organizadoras)**

**Belo Horizonte
CURSO DE PEDAGOGIA UAB UFMG
FAE/UFMG
2010**

ORGANIZADORAS Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Tânia Margarida Lima Costa

ASSESSORA PEDAGÓGICA Elza Vidal de Castro

REVISORA Maria Ribeiro dos Santos

PRODUTOR EDITORIAL Marcos Alves
Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

© 2010, Os autores e organizadores

© 2010, Curso de Pedagogia UAB UFMG

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do editor.

Ficha Catalográfica

S237m Santos, Maria Aparecida Paiva Soares dos.
Monografia : a pesquisa ao alcance de todos / Aparecida Paiva ; Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben, Tânia Margarida Lima Costa (organizadoras). – Belo Horizonte : UFMG, Faculdade de Educação, 2010.
40 p. – (Núcleo de integração)

Obra produzida para o curso de Pedagogia da Universidade Aberta da UFMG.
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-8007-005-7

1. Pesquisa. 2. Educação. I. Dalben, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. II. Costa, Tânia Margarida Lima. III. Título. IV. Série.

CDD: 001.4
CDU: 001.8

Elaborada pela DITTI – Setor de Tratamento da Informação
Biblioteca Universitária da UFMG

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
Curso de Pedagogia UAB UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
31270-901 - Belo Horizonte-MG
Tel. 31 3409-7477

MONOGRAFIA: A PESQUISA AO ALCANCE DE TODOS



AUTORA

Aparecida Paiva

É Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (1994), mestre em Educação (área de concentração em Ciências Sociais aplicadas) pela Universidade Federal de Minas Gerais (1986) e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1979). É professor Associado nível 2, da UFMG (em exercício nesta instituição desde 1980), e foi membro do Comitê Assessor área de Educação da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2006/2007) É membro do Comitê Editorial da Editora da UFMG, da Revista Educação e Realidade da UFRGS e da Revista Presença Pedagógica. Coordenou (desde 1998) e coordena diversos programas governamentais na área da Educação: PNLD - Programa Nacional do Livro Didático, Língua Portuguesa; PNBE - Programa Nacional de Biblioteca da Escola; Rede Nacional de Formação Continuada de Professores. Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG (1995-1998), diretora da Faculdade de Educação da UFMG (1998-2002) e editora da Educação em Revista da FaE/UFMG (1996-2001). É pesquisadora do CEALE - Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da UFMG, onde exerceu a função de coordenadora de relações institucionais (2004-2007) Tem experiência na área da Educação e da Literatura, com ênfase em História e Sociologia da leitura e práticas culturais de letramento e pesquisas sobre leitura, literatura, práticas de leitura, políticas públicas de leitura e processos de produção, circulação e recepção de obras literárias.



EMENTA

Concepção de trabalho monográfico e sua realização como requisito para conclusão de curso de graduação. Modalidades de pesquisa; procedimentos metodológicos básicos e etapas de sua elaboração.



● ● ● ● ● ● SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PREMISSAS	10
1. AS MODALIDADES DA PESQUISA	12
· Pesquisa bibliográfica	12
· Pesquisa empírica	12
· Relato de experiência	13
1.1 O problema a ser pesquisado	13
1.2 A base teórico-conceitual e analítica da pesquisa	15
1.3 Procedimentos metodológicos da investigação	16
2. A ESTRUTURA DA MONOGRAFIA	18
2.1 Introdução	18
2.2 Capítulos	18
2.3 Conclusões	18
2.4 Bibliografia	19
3. ABORDAGENS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS; CONVERGÊNCIAS, DISTINÇÕES E POSSIBILIDADES	22
· a) Características da pesquisa qualitativa	24
· b) Postura pessoal do pesquisador	24
· c) Estratégias de coleta de dados	24
· d) Estudo de caso	25
· e) Papel do sujeito	25
· f) Finalidade e uso da pesquisa	25
4. PROPOSTA DE ESTRUTURAÇÃO DE UMA MONOGRAFIA	27
4.1 Elementos pré-textuais ou preliminares	27
· Capa	27
· Folha de rosto	27
· Folha de apresentação	27
· Dedicatória	27
· Agradecimentos	27
· Epígrafe	27
· Sumário	27
· Lista de ilustrações	27
· Resumo	27

4.2 Elementos textuais – núcleo do texto	27
· A introdução	27
· Os capítulos	28
· Conclusões	28
4.3 Elementos pós-textuais	28
5 – CONCLUSÃO	29
6 – REFERÊNCIAS	31
ORIENTAÇÃO DE ESTUDO	33
ESTUDO COMPLEMENTAR	37



INTRODUÇÃO

O propósito deste texto é auxiliar o estudante a elaborar uma monografia que, ao contrário do que supõe parcela significativa dos estudantes, não é uma tarefa impossível para os que se iniciam na pesquisa. Isso não quer dizer que estamos relativizando a complexidade e o grau de investimento que esse desafio acadêmico impõe. Entretanto, se bem orientada e observando-se os passos de sua elaboração, poderá se transformar em importante recurso de aprendizagem e aprimoramento profissional. Aqui, estamos entendendo por monografia o trabalho destinado a cumprir uma obrigação acadêmica, de caráter de iniciação científica, diferente, portanto, de uma tese de doutoramento ou de uma dissertação de mestrado. Chama-se *monografia* porque o trabalho é, em essência, delimitado, estruturado e desenvolvido em torno de um único tema ou problema. Trata-se, portanto, de estabelecer as fronteiras do trabalho, no seu âmbito e grau de exigência, de forma simples e factível para os objetivos pretendidos com essa iniciação à pesquisa.

Assim como realizar uma pesquisa não é uma questão simples, tampouco o é conseguir a finalidade que nos propomos. A nosso ver, é difícil abordar o processo de elaboração de uma monografia de modo a dar conta da imensa complexidade e riqueza que a caracteriza e as suas infinitas possibilidades metodológicas, como procedimento de investigação; isso pode fazer com que deixemos de lado questões importantes e também deixamos de fora estratégias de realização que lhe são próprias. Nesse caso, é importante que o aluno tenha em mente, desde já, que esse texto é apenas uma das formas de abordar o tema e que já temos uma vasta bibliografia a respeito; portanto, sempre que possível, recomendamos investigar outras fontes, alternativas, outras possibilidades de tratamento do tema em questão.

Nesse contexto poderá ser compreendida a nossa afirmação sobre a dificuldade de alcançar o objetivo proposto e nosso interesse em estabelecer as condições que poderiam contribuir para diminuí-la. Entre elas, destacam-se a explicitação de algumas premissas focalizadas aqui, e a exposição geral dos passos para a elaboração de uma monografia. Consideramos que ambas – as premissas e os passos destacados – podem ajudar a situar as experiências prévias, as expectativas com a pesquisa que será desenvolvida, as metas a serem alcançadas com essa iniciação à pesquisa.

Algumas premissas aqui expostas referem-se à pesquisa e à compreensão da atitude investigativa; outras ao papel que a monografia desempenha na formação acadêmica de graduandos; outras, ainda, à tarefa de se iniciar na pesquisa. Portanto, não vamos justificar aqui os princípios não-discutidos, mas evidentemente discutíveis. Muitos deles serão retomados no decorrer do texto, e esperamos que proporcionem subsídios ao trabalho monográfico.

- O estudante de graduação, ao dar os primeiros passos, nos caminhos da construção da ciência, tornando-se autor de novos conhecimentos científicos. A realização de uma monografia contribui, de forma decisiva, para a autonomia do aluno, à medida em que a iniciação à pesquisa é um instrumento necessário para que ele se situe como sujeito socialmente inserido nos processos de produção e socialização dos saberes;
- Na pesquisa, o aluno é um sujeito ativo que processa as informações da realidade que o cerca, o que lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios. Partimos da ideia de que o sujeito em atitude investigativa atribui sentido e significado à sua realidade e rejeitamos o pressuposto de que ele a reproduz simplesmente;
- O processo de aprender a investigar e a compreensão de estratégias adequadas para a realização da pesquisa requerem intervenção explicitamente dirigida a essa aquisição. O aluno pesquisador precisa da informação, do apoio, do incentivo e dos desafios proporcionados pelo professor orientador. Dessa forma, o pesquisador iniciante pode ir dominando, progressivamente, as estratégias de pesquisa que, em princípio, são inacessíveis para ele;
- Nos atuais cursos de graduação, a elaboração de uma monografia passou a ser um dos requisitos para a sua conclusão. A essa exigência, sensata e razoável, vinculam-se dois aspectos: por um lado, a necessidade de inserir o aluno no processo investigativo, desde sua formação inicial; por outro lado, minimizar o hiato considerável entre os que pesquisam, portanto, “*produzem*” conhecimento e aqueles que apenas “*consomem*” essa produção. Do nosso ponto de vista, a pesquisa deve, em princípio, estar ao alcance de todos: pesquisar para conhecer, para se formar como profissional competente e autônomo. Esses alunos, pesquisadores iniciantes, aprenderão pesquisando, enquanto se beneficiam das pesquisas já realizadas;
- Em estreita ligação com a premissa anterior, nos parece que a realização de uma monografia não é uma questão apenas de exigência curricular, mas questão de cidadania, de formação profissional de qualidade. Para ensinar a pesquisar,

coerência, continuidade e progressão da nossa intervenção no processo de investigação do aluno são condições necessárias, embora não suficientes. Entretanto, essas características ressaltadas serão pouco úteis se o aluno pesquisador não assumir a condução do seu próprio processo de investigação;

- Por último, insistiremos na ideia de que aprender a pesquisar e realizar uma monografia não é tarefa simples, mas gostaríamos de acrescentar um ponto essencial: também é muito gratificante, tanto para quem aprende quanto para quem ensina, acompanhar esse processo de formação de um pesquisador.

A partir daqui o texto está estruturado em quatro partes. Na primeira delas, composta de quatro tópicos, faremos uma exposição resumida das modalidades de pesquisa, abordando a monografia como forma de trabalho científico para, em seguida, nos determos nas três etapas distintas, porém indissociáveis, do processo de elaboração de uma pesquisa: a construção do problema a ser pesquisado, ou seja, a escolha de um assunto ou tema; a definição da base teórico-conceitual para a análise do problema em estudo, em outras palavras, a produção teórica que dará suporte ao estudo; por último a interpretação dos dados investigados e a metodologia da investigação, em termos mais específicos, os procedimentos metodológicos selecionados para a realização da pesquisa. Esses três elementos, em síntese, correspondem aos itens principais de um projeto de pesquisa.

Na segunda parte, detalharemos a estrutura de uma monografia, os elementos de seu planejamento e os passos para a sua realização. A apresentação dos resultados ou das descobertas de pesquisa, os quais vão se configurando ao longo da própria análise e da interpretação dos dados, faz-se usualmente em um texto dissertativo, em geral denominado relatório de pesquisa; em nosso caso, teremos o relatório de monografia, ou a monografia propriamente dita.

Na terceira parte do texto, apresentaremos uma pequena discussão sobre as duas abordagens de pesquisa: a qualitativa e a quantitativa. Trata-se apenas de uma introdução ao tema; ela poderá servir de referência para futuros investimentos, dependendo da opção do pesquisador.

A quarta e última parte do texto apresenta uma proposta de estruturação do texto da monografia, enfatizando, entretanto, que não existe um modelo único para a apresentação do relatório de monografia, mas que, em geral, ele se divide em três grandes partes: a introdução, desenvolvimento e a conclusão ou considerações finais.

1. AS MODALIDADES DA PESQUISA

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pelo futuro pesquisador é o de escolher corretamente uma das modalidades de pesquisa monográfica. Isso é fundamental pois, em todas elas, o problema de pesquisa precisa estar claro e compatível com a abordagem escolhida. Toda pesquisa científica e, portanto, toda monografia, deve delimitar um objeto de estudo por meio de um processo de problematização. Não há pesquisa sem problema e, dependendo do tipo de questão a ser investigada, teremos uma ou outra modalidade de pesquisa. São três as modalidades de pesquisa que apresentaremos a seguir, sem nenhuma pretensão de exaustividade.

A pesquisa bibliográfica, também designada análise teórica, resulta do estudo de um conjunto de trabalhos científicos, selecionados a partir problema a ser investigado. Trata-se de uma organização coerente de ideias originadas de bibliografia consolidada, em torno de um tema específico podendo configurar em uma análise crítica ou comparativa de uma obra, teoria ou modelo já existente, a partir de um esquema conceitual bem definido. Assim, a realização de um trabalho dessa natureza pode evidenciar, por exemplo, uma organização coerente de ideias; originadas de bibliografia de autores reconhecidos que escreveram sobre o tema escolhido. Ou, o desenvolvimento de uma monografia realmente inovadora, a partir de fontes exclusivamente bibliográficas.

A nossa sugestão, entretanto, para o caso de o pesquisador optar por esse tipo de pesquisa, é que sejam evitados temas muito ambiciosos, e que o problema seja recortado dentro de um campo temático maior. O importante é o desenvolvimento de um trabalho acadêmico despretensioso, procurando, sempre que possível, relacionar a questão a situações cotidianas da prática profissional ou área de interesse do pesquisador.

Nesse tipo de pesquisa, não há coleta de dados no campo, em documentos, ou em laboratórios, como se faz na pesquisa empírica. No entanto, é fundamental que o trabalho não se limite apenas ao resumo do que dizem os autores, mas que vá além, assumindo uma postura integradora de estudos sobre o tema abordado. O pesquisador, no contato com a bibliografia selecionada como corpus do trabalho, deve elaborar, sintetizar e avaliar o que leu, apresentando reflexões e conclusões pertinentes, formuladas por ele próprio, para que o trabalho não se configure apenas como uma repetição de textos de diferentes autores.

Por outro lado, a **pesquisa empírica**, ou monografia de análise teórico-empírica, pressupõe investigação em documentos, ou pesquisa de campo, ou ainda, pesquisas laboratoriais, entre outras fontes de coleta de dados. Uma investigação dessa natureza é o resultado de informações obtidas diretamente no campo ou origem dos eventos pesquisados; podendo (ou devendo) se configurar como uma análise interpretativa de dados coletados a respeito de um tema, com apoio bibliográfico: teste de hipóteses,

modelos ou teorias, a partir dos dados obtidos. Procedimentos como aplicação de questionários, entrevista e observação da realidade investigada, são frequentemente utilizados na área da educação. Mas, novamente recomendamos não procurar uma tese impraticável, baseada em tema ambicioso demais para trabalhos de iniciação à pesquisa, já que investimentos com maior grau de complexidade e inovação são geralmente desenvolvidos em cursos de mestrado e doutoramento.

A monografia pode tomar, ainda, a forma de **relato de experiência**, ou seja, o trabalho originar-se de uma experiência ou um projeto pedagógico já realizado ou em realização. Nesse caso, ao contrário do que possa parecer, essa pode ser uma opção bastante arriscada, se não houver clareza acerca da distinção entre a pesquisa e o trabalho efetivo, (realizado ou em realização) entre o que se exige de uma pesquisa e o como se dá um projeto de trabalho. Para que um relato de experiência se configure como uma pesquisa, isto é, uma monografia, é necessário que haja um problema definido a investigar, relacionado à experiência desenvolvida ou em desenvolvimento. Ou seja, o trabalho não pode limitar-se a um simples relatório da experiência. Não se trata apenas de contar o que foi feito ou está sendo feito, pois, se assim for, as exigências e os atributos de uma monografia não serão cumpridos. Assim, é preciso ter grande cuidado para que seja garantida a problematização da experiência realizada e, a análise crítica das questões levantadas.

Assumir o controle do processo investigativo, definir a modalidade de pesquisa a ser empreendida, implica a construção de um problema a ser pesquisado e, a partir dele, estabelecer hipóteses e bases teóricas que lhe darão suporte; nesse processo articulado e indissociável, selecionar os procedimentos metodológicos que sejam mais adequados à investigação. Em outros termos, quando levantamos hipóteses e vamos nos aproximando da bibliografia pertinente ao tema, somos capazes de definir as bases teórico-conceituais que nos auxiliarão no processo de compreensão e delimitação do problema a ser investigado, possibilitando, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma metodologia que ancore nossas pretensões de pesquisador. Por esse motivo, essas três etapas de elaboração de um processo de pesquisa são consideradas indissociáveis e só vamos apresentá-las separadamente, a seguir, para razões unicamente didáticas.

1.1. O problema a ser pesquisado

Quando o pesquisador começa a pensar sobre o tema ou assunto que deseja investigar e continua fazendo isso, durante o seu processo de formação – na leitura atenta deste texto, por exemplo, - podemos afirmar que o seu processo de construção do problema de sua monografia está em andamento. A essa altura você, leitor, pode estar pensando sobre o seu interesse por um tema que mereça ser desenvolvido na forma de uma monografia. Provavelmente também já se deu conta de que esse interesse pode surgir das mais diferentes maneiras, dentre elas: em função do seu trabalho; do seu momento profissional; da leitura de livros e artigos especializados em sua área de interesse; da consulta a catálogos de teses, dissertações ou monografias em geral; ou mesmo de inquietações profissionais vividas ou experimentadas no momento de sua formação. O

importante é escolher um tema, “*construir um problema*” que seja exequível no âmbito de um estudo monográfico e que corresponda às exigências de um trabalho de final de curso de graduação.

O itálico nas palavras do parágrafo anterior é um recurso utilizado por nós, para enfatizar a mensagem que queremos transmitir. Construir “um problema de pesquisa” é uma tarefa do pesquisador, já que os problemas não estão prontos para serem investigados; eles são criados pelo pesquisador para serem pesquisados; embora sempre partam de situações ou de problemas existentes no mundo da natureza ou a cultura, da sociedade, da vida social, enfim. Portanto, um “problema de pesquisa” localiza-se em um campo temático, isto é, encontra-se dentro de um assunto, de uma problemática mais ampla. Desse modo, não devemos confundir o tema da investigação com o problema em questão. Por exemplo, *o valor da ciência*, exemplo típico de temas tratados enciclopédicos, não se presta a um estudo monográfico; dada a sua extensão e generalidade. A pesquisa não estuda temas, mas sim problemas específicos; e um mesmo tema pode gerar vários “problemas de pesquisa”.

Uma vez escolhido o tema a ser trabalhado, o próximo passo do pesquisador será demarcar os limites da pesquisa. Demarcar um tema significa fixar sua extensão, definir, precisamente, os aspectos que serão estudados. Em outras palavras, o que pesquisamos são partes de um tema ou um recorte de um assunto, já que essa delimitação implica no estabelecimento das fronteiras da investigação – o que será contemplado ou não pela pesquisa. E é precisamente essa delimitação que nos garantirá a construção de um bom “problema de pesquisa”. E, para que o problema de pesquisa seja de fato pertinente, boas perguntas, perguntas significativas e relevantes para a análise e compreensão dos fatos e fenômenos estudados precisam ser formuladas. Em suma, as boas perguntas esboçam adequadamente um “problema de pesquisa” que, por sua vez, pode conter uma única questão analítica, ou um conjunto de questões, de dimensões a serem consideradas.

Um fator parcialmente responsável pela qualidade da construção de um “problema de pesquisa” e determinante para a sua elaboração é o estabelecimento dos objetivos ou intenções da pesquisa. Como frisaram numerosos autores, dentre eles, Minayo (1996), responder a um “problema de pesquisa” não é uma questão de tudo ou nada, mas é relativa aos conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o tema a ser investigado e aos objetivos previamente estipulados. Esses objetivos não determinam apenas as estratégias que se ativam para a realização do estudo, mas também estabelecem o patamar de conhecimento do pesquisador acerca do tema a ser estudado e suas possibilidades de aprofundamento, no caso da monografia, no âmbito de um trabalho de iniciação científica.

Em última análise, queremos ressaltar que nossa intenção de pesquisa está dirigida pelos objetivos que pretendemos alcançar. Não é a mesma coisa que estudar para verificar se interessa continuar estudando ou estudar quando estamos inseridos em um processo investigativo determinado. Da mesma forma, não é o mesmo que pesquisar quando precisamos formular uma análise interpretativa e crítica de modo sistematizado.

Evidentemente, não nos perturbará, do mesmo, modo perceber lacunas em nossa compreensão do problema investigado, o que, provavelmente nos levará a utilizar diversas estratégias para compensar tais lacunas. Assim, poderemos prosseguir pesquisando, investindo cada vez mais, no aprofundamento do tema de nosso interesse. A questão dos objetivos, portanto, na formulação de “um problema de pesquisa” é crucial, porque determina tanto as estratégias metodológicas a ser utilizada na investigação, quanto o investimento teórico possível no contexto da pesquisa.

1.2. A base teórico-conceitual e analítica da pesquisa

A base teórico-conceitual e analítica de uma pesquisa é formada por um conjunto de ideias, de conceitos e categorias de análise presentes nas teorias relacionadas ao objeto de estudo. Espera-se que, durante o processo investigativo, o pesquisador possa realizar um estudo bibliográfico, o mais amplo possível, acerca do seu tema, bem como utilizá-lo de forma autônoma para compreender e desvelar o seu problema de pesquisa com o rigor, a profundidade e a validade exigidos nos trabalhos científicos e acadêmicos. Para isso, faz-se necessária a revisão da produção científica existente, a revisão da literatura, revisão bibliográfica, ou ainda, o chamado estado da arte. A opção por uma teoria, “um conjunto inter-relacionado de princípios e definições que servem para dar organização lógica a aspectos selecionados da realidade empírica”, (Minayo, 1996 -92) ou teorias e de seus conceitos dão sustentação ao estudo e evitam que fiquemos somente com os conhecimentos da experiência, do senso comum ou com as nossas pré-noções que não têm valor científico. Por outro lado, toda pesquisa deve buscar discutir, confirmar, ampliar ou refutar, total ou parcialmente, as teorias e os conceitos que constituem o seu referencial.

Assim sendo, para viabilizar a construção da base teórico-conceitual de uma pesquisa recomendamos que o pesquisador aprenda, progressivamente, a utilizar a bibliografia selecionada com fins de informação e aprendizagem. Como podemos perceber, ao longo do nosso processo de estudo, as teorias têm seus conceitos, mas o mesmo conceito pode relacionar-se a mais de uma teoria. Devemos lembrar, também, que eles não são válidos para sempre; podem e devem ser questionados, problematizados e reformulados pelas pesquisas que os tomam como referencial. Minayo observa que os conceitos são as vigas mestras de uma construção teórica, isto é

São as unidades de significação que definem a forma e o conteúdo de uma teoria. Podemos considerá-los como operações mentais que refletem certo ponto de vista a respeito da realidade, pois focalizam determinados aspectos dos fenômenos, hierarquizando-os. Desta forma eles se tornam um caminho de ordenação da realidade, de olhar os fatos e as relações, e, ao mesmo tempo, um caminho de criação. (Minayo,1996:93)

Diante do exposto, a revisão da produção científica existente, a revisão da literatura, a revisão bibliográfica, ou ainda, do chamado estado da arte são estratégias importantes numa investigação científica.

No raciocínio desenvolvido até aqui, enfatizamos que o processo de pesquisa não é linear. Tal afirmação merece alguns comentários. Em primeiro lugar, é importante destacar a necessidade de termos alguma referência de algum campo de estudo para escolhermos um tema de pesquisa e, então, extrair dele um problema relacionado com a nossa prática ou nossos interesses. Além disso, é necessário que tenhamos um problema para selecionar a bibliografia pertinente e, ainda, seja necessário também, estudar a bibliografia selecionada. Só assim chegaremos a uma formulação mais precisa do problema em questão e, a partir daí, poderemos definir a metodologia a ser utilizada na pesquisa.

1.3. Procedimentos metodológicos da investigação

Tomando o termo metodologia em seu sentido mais amplo, podemos considerar que dela fazem parte, desde o método escolhido para a investigação, os pressupostos gerais que orientam o estudo, até as etapas e procedimentos por meio dos quais a investigação se realiza. De acordo com o nosso objetivo, tendo em vista a sua finalidade neste texto – perspectiva mais operacional –, priorizaremos, apenas os procedimentos metodológicos que abrangem a realização de uma pesquisa. Assim, destacamos: os procedimentos metodológicos da investigação constituem um terceiro elemento da pesquisa; diferentes tipos de problema requerem diferentes modalidades de pesquisa, que, por sua vez, exigem distintos procedimentos metodológicos. Acrescentamos, ainda, que é fundamental saber justificar por que serão usados determinados procedimentos e que tipo de informação a técnica ou instrumento escolhido poderá oferecer. Por fim, precisamos ter sempre em mente que os procedimentos metodológicos da pesquisa não são um pacote pronto e acabado, mas vão sendo criados e recriados pelos pesquisadores. Desse modo, apenas teorias e técnicas de coleta e análise de dados não são suficientes para desenvolver uma pesquisa: a inventividade e a experiência do pesquisador é igualmente importante e necessária.

Afinal, para a definição dos procedimentos metodológicos da investigação, o pesquisador precisa estar atento a aspectos tais como: caracterização do campo de estudo, definição do instrumental de coleta de dados e elaboração de um plano de análise. Obviamente, apresentamos aqui, apenas breves indicações a serem consideradas nesse processo de definição. E é lógico que existem diferenças substanciais na caracterização de um campo de pesquisa quando se trata de modalidades distintas de pesquisa; do mesmo modo que o instrumental de coleta de dados depende do tipo de investigação.

Em se tratando de uma pesquisa de natureza bibliográfica, uma das posturas que deve ser assumida pelo pesquisador é explicitar os critérios de seleção das obras a serem analisadas para o desenvolvimento do estudo e para a análise do objeto a ser investigado. Em outras abordagens, como na pesquisa empírica ou no relato de experiência, é fundamental descrever o contexto em que o estudo será realizado (uma escola, por exemplo) e também explicar o processo de seleção dos participantes da pesquisa, explicitando os critérios utilizados para tal seleção. Assim, a caracterização do campo de estudo será estabelecida com clareza.

Outra postura importante a ser adotada pelo pesquisador refere-se ao cuidado na seleção dos instrumentos mais adequados que devem estar em consonância com a natureza dos dados que se deseja coletar. O pesquisador deve, ainda, ter sempre em mente que é necessário testar os instrumentos antes da sua aplicação na pesquisa propriamente dita “afinando” os instrumentos, como costumamos dizer, garantindo que eles estão bem elaborados e adequados às pretensões do estudo. Trata-se, aqui, de definir o instrumental de coleta de dados, sejam eles questionários, roteiros de observação ou de entrevista, entre outros de modo a garantir resultados de pesquisa confiáveis e seguros.

Por fim, toda metodologia pressupõe um plano de análise, já que, em uma pesquisa, não é suficiente apenas recolher dados. Reforçamos, pois, que os dados de uma pesquisa quase nada revelam se não estiverem articulados com os objetivos, com as questões de pesquisa e com a teoria que lhe serve de base. Desse modo é crucial que os dados sejam trabalhados, analisados e interpretados, a partir de um plano de análise que permita a apreensão daquilo que pretendemos retirar dos dados, sempre lembrando que os dados de uma pesquisa podem ser interpretados de diversas maneiras. Em outras palavras, devemos atentar para o fato de que a coleta de dados e a análise deles têm que estar de acordo entre si, e, também, com as opções metodológicas feitas no projeto de pesquisa. Todas essas opções metodológicas, portanto, determinam, de alguma maneira, a estrutura do relatório da pesquisa.

2. A ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

Até agora nos ocupamos do que é uma monografia e do que é uma pesquisa e dos elementos necessários para que o pesquisador possa construir e desenvolver sua pesquisa. Poderíamos dizer que, por enquanto, focamos nossa atenção no processo de estruturação de uma pesquisa. A seguir trataremos da visibilidade dessa estruturação, apresentando, resumidamente, um roteiro com os principais elementos constitutivos de um relatório de monografia para qual, como todos nós sabemos, não existe um modelo único de estruturação, geralmente esse trabalho se divide em quatro grandes partes: a introdução, o desenvolvimento, a conclusão ou considerações finais e a bibliografia, conforme mostraremos a seguir. Trata-se, então, de detalhar um pouco mais, um exemplo de apresentação escrita da pesquisa, no caso específico que tratamos neste texto, da monografia de final de curso.

2.1- Com referência à **introdução** de uma monografia, podemos dizer que ela se resume, basicamente, na apresentação do trabalho ao leitor, feita pelo próprio autor do texto. Assim, talvez seja importante ressaltar que nela devem ser explicitados os objetivos da pesquisa: aquilo que, de fato, se pretendeu fazer em um determinado período de tempo e em determinada dimensão. Também, a metodologia adotada, bem como a organização dos capítulos que compõem a monografia devem ser anunciados na introdução.

2.2- Quanto ao desenvolvimento do trabalho, expresso em **capítulos** que representam o núcleo da monografia propriamente dito. Os capítulos espelham os elementos básicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Independentemente do número de capítulos de cada monografia, todos eles devem expor, em sequência lógica, os seguintes elementos: construção do problema, quadro teórico, desenvolvimento da pesquisa, a análise dos dados e suas contribuições para o problema investigado. Além disso, a escrita dos capítulos deve ser a mais articulada possível e, uma das estratégias que asseguram essa articulação é a utilização de parágrafos introdutórios e parágrafos de fechamento de cada um. Assim o leitor perceberá a articulação entre eles. Por fim, o recurso de subdividir os capítulos em seções poderá ser utilizado ou não, a critério do pesquisador, considerando a melhor clareza da exposição.

2.3- Quanto às **conclusões**, ou considerações finais, devem reunir o conjunto de conclusões atingidas no desenvolvimento da monografia de forma coerente com os objetivos propostos inicialmente. Trata-se, portanto, do fechamento do trabalho. Nessa etapa da redação, o pesquisador poderá optar pela apresentação de uma síntese do trabalho e/ou recomendações. Por outro lado, assuntos derivados do desenvolvimento da monografia que não foram devidamente explorados no trabalho, – por fugirem de suas pretensões de abrangência –, poderão ser apresentados como sugestão para futuras pesquisas.

2.4- A bibliografia visa apresentar ao leitor a documentação, citada ou consultada, relacionada com o tema abordado, proporcionando um referencial bibliográfico para um eventual aprofundamento do tema ou para uma revisão do trabalho. A lista com todas as fontes utilizadas deve ser apresentada de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Com pequenas variações introduzidas em versões sempre recentes dessas normas, os autores devem ser relacionados em ordem alfabética pelo seu sobrenome, além da inclusão, para cada obra, das seguintes informações: título, edição, local de publicação, editora, data e número de páginas.

Embora este texto se ocupe basicamente das concepções mais gerais de uma pesquisa, no âmbito de uma monografia de conclusão de graduação e das etapas de sua elaboração, consideramos necessário nos pronunciar, ainda que brevemente, a respeito da importância dessa atividade de iniciação à pesquisa não só com o objetivo de discutir, em profundidade, essa modalidade de informação como também de mostrar suas ligações com certo modo focar a formação inicial de futuros profissionais.

Ressaltamos, pois, que essa atividade pode e deve estar presente em diferentes momentos do processo de formação do sujeito e, naturalmente, no processo articulado em torno da formação de futuros pesquisadores. Assim, realizando uma pesquisa monográfica, o pesquisador identifica sua bagagem sobre um tema de interesse e aborda novos conteúdos a serem apreendidos.

Sem entrar em detalhes sobre a importância das três modalidades de pesquisa apresentadas, gostaríamos de salientar que os três tipos de pesquisa não são excludentes, mas complementares e, em todas elas, se encontra presente – embora com matizes diferentes – uma dimensão de apreensão da realidade investigada. Dessa forma, em conjunto, elas proporcionam informações que possibilitam ir acumulando saberes, conhecimentos sobre o campo temático investigado.

Recordando as premissas gerais que guiam, em nosso ponto de vista, o processo de construção de uma monografia e os elementos principais que a constituem, em síntese, o que propomos é que essa atividade deve partir do lugar do pesquisador. Assim, a tarefa de elaboração de uma monografia constituirá um desafio ao seu alcance, podendo nela intervir de forma a proporcionar a ajuda necessária. Daí, progressivamente, ele poderá usar, com competência, estratégias aprendidas, aqui, de forma autônoma. Fica claro, portanto, como as três modalidades de pesquisa que trabalhamos neste texto, embora de natureza diferente, desempenham um papel determinante no processo de construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, a iniciação à pesquisa, por meio da elaboração de uma monografia, permitirá ao pesquisador iniciante identificar os conhecimentos que possui para abordar o seu processo investigativo e inferir o que poderá ou não fazer. Essa informação é essencial, pode levar o pesquisador a atitudes de tipos muito diferentes: desde continuar com o planejamento previsto até rejeitá-lo por completo, caso verifique que a distância entre as pretensões iniciais de pesquisa e o que é necessário para realizá-la é muito

grande para garantir a realização de uma monografia no tempo destinado à sua execução. Contudo, o mais provável é que, dialogando com o professor-orientador, explicitando suas expectativas e interesses e o que é possível realizar em um processo inicial de pesquisa, esse pesquisador iniciante encontre o modo de articular um tipo de pesquisa que lhe assegure inserir no processo, indo um pouco além do ponto em que se encontra em sua formação profissional.

Por outro lado, o processo formativo do pesquisador e sua constante autoavaliação constituem eixos fundamentais da nossa concepção. Se refletirmos um pouco, veremos que a única maneira de intervir no processo da pesquisa é levarmos em conta, ao mesmo tempo, o que o pesquisador se propõe e o processo de orientação estabelecido pelo professor-orientador. Assim, poderemos avaliar, continuamente, o processo de iniciação à pesquisa. Vale lembrar que avaliar significa obter informações relevantes sobre a investigação em andamento que permitam que o pesquisador e seu orientador ponderem sobre o processo como um todo.

Mas, por outro lado, a adoção de uma maneira de trabalhar como a que, em linhas gerais, estamos propondo requer, necessariamente, grande investimento tanto do pesquisador quanto do professor orientador. Essa postura de ambos é importante para que o processo se desenvolva de forma significativa e construtiva. Em suma, parece-nos claro que o acesso à bagagem com que o pesquisador inicia o seu processo de investigação é indispensável para que o professor-orientador saiba de onde partir para avaliar, junto com ele, assegurando-lhe maior significado possível no seu processo de iniciação à pesquisa. Para tal, o pesquisador iniciante deve esclarecer: as atividades de pesquisa como construção do problema de pesquisa, os procedimentos metodológicos a serem adotados na investigação e definição do quadro teórico-conceitual. Por meio desses aspectos professor orientador e o pesquisador, cada um em seu nível, chegam à transferência progressiva da competência de um para outro. Isso requer que o primeiro adote uma atitude receptiva, seja sensível a tudo o que ocorre durante o processo para ajustar sua própria intervenção. Essa receptividade se traduz na observação contínua que realiza e nas decisões que vai ajudando o aluno a tomar para que juntos ajustem o processo de realização da pesquisa. Desse modo, algumas condições favorecem o desenvolvimento de uma monografia de qualidade, a saber:

- A existência de objetivos claros para a pesquisa proposta, objetivos que funcionam como referências para interpretar os dados que se pretende coletar;
- A implementação de procedimentos metodológicos estabelecidos, exigindo atenção conjunta do aluno e do professor-orientador em torno das atividades executadas, para que possam acompanhar de perto a realização adequada da pesquisa;
- A possibilidade de reorientar a coleta de dados e propor, quando for o caso, outras atividades, para o aperfeiçoamento do processo. Isso poderá surgir durante o decorrer da investigação e é natural o redirecionamento do trabalho, se ele possibilitar uma intervenção mais adequada aos objetivos pretendidos.

Tudo isso, naturalmente, deve ser observado no contexto das intenções mais gerais definidas no projeto inicial. Sem esse contexto, é muito difícil – para não dizer impossível – saber o que observar e como interpretar o observado. Essa observação, a qual nos referimos, como meio privilegiado de ter acesso às informações nas quais se baseia a pesquisa, não deve ser assimilada a uma atitude em essência contemplativa. Interessante é prestar atenção ao procedimento de coleta de dados para obter valiosas informações sobre o processo, além de perceber a sua relevância.

- A intenção de utilizar as informações obtidas na pesquisa para a elaboração da monografia. Entre outras coisas, a adequada utilização e interpretação dos dados coletados contribuem para a elaboração de uma monografia consistente e significativa;
- Sobre a postura investigativa do pesquisador. Isso inclui o interesse que ele demonstra: sua disposição em se envolver na pesquisa, o grau em que se sente seguro ao desenvolvê-la. A avaliação deste aspecto tem a ver com a observação realizada pelo orientador diante da proposta de pesquisa desenvolvida pelo pesquisador;
- Sobre o nível em que o pesquisador está para manejar as fontes de pesquisa, ou seja, em que medida sabe onde e como buscar as informações pretendidas. Em certo sentido, será necessário verificar se o pesquisador sabe se situar ante as fontes à sua disposição, utilizando as informações que podem esclarecer o problema de pesquisa estabelecido.

3. ABORDAGENS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS: CONVERGÊNCIAS, DISTINÇÕES E POSSIBILIDADES

As abordagens qualitativas e quantitativas não são excludentes. Embora difiram quanto à forma e à ênfase, relacionam-se entre si e dão contribuições específicas e complementares à pesquisa no campo da educação. O fundamental é ter clareza de que a metodologia está intimamente relacionada ao pesquisador, a seus valores, suas ideias, sua filosofia de vida, seu olhar singular sobre a realidade a ser pesquisada, sua forma específica de problematizar a realidade. A metodologia está, portanto, estreitamente ligada aos objetivos do pesquisador e às formas pelas quais pensa, na realidade, no seu papel no interior dela mesma. Está fortemente vinculada às escolhas do pesquisador, em termos dos autores com que trabalhará; do foco que vai escolher e de seu posicionamento em face dos problemas da realidade social, cultural e educacional mais ampla.

Durante muito tempo, a pesquisa social foi marcada fortemente por estudos que valorizavam o emprego de métodos quantitativos para descrever e explicar fenômenos. Hoje, porém, a abordagem identificada como qualitativa tem se mostrado promissora, especialmente em áreas como a Psicologia e a Educação. Assim, nas Ciências Sociais, os pesquisadores estão mais preocupados com o processo social do que com a estrutura social. Buscam visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração empática com o processo objeto de estudo que implique melhor compreensão do fenômeno.

Um longo caminho teve de ser percorrido para que chegássemos hoje a esse cenário. O modelo de Ciência que inspirou a pesquisa em Educação durante grande parte do último milênio era positivista – tendência filosófica fundada por Augusto Comte, no início do século XIX, que, basicamente, preconizava a necessidade de a Ciência ser construída sobre fatos concretos, verificáveis através da observação e da experimentação, bem como possuir capacidade de previsão – que se adaptou muito bem às Ciências Naturais, mas começou a receber críticas quando aplicado às Ciências Humanas. Correntes filosóficas como a fenomenologia criticavam a redução das pesquisas nos moldes positivistas aos fatos observáveis. Para essa corrente, a ideia fundamental para a pesquisa em Ciências Humanas deveria ser a intencionalidade, a consciência que move os sujeitos a agirem da forma em que agem. A pesquisa, nessa perspectiva, deveria estar voltada aos sentimentos, às percepções dos sujeitos, ao mundo vivido, interpretado e reelaborado por eles. Portanto, a realidade a ser pesquisada não poderia estar separada da subjetividade, nem dos sujeitos pesquisados, nem do próprio pesquisador.

O conceito de paradigma, proposto pelo filósofo Thomas Kün (1922-1996) foi decisivo para a derrubada do modelo único de pesquisa. Para ele, paradigma seria um conjunto de crenças e argumentos defendidos por um grupo de cientistas, não sendo, portanto, a “verdade” absoluta ou o sinônimo de “Ciência”. Desse modo, o modelo positivista seria um paradigma. O enfoque pós-positivista, bem como os enfoques construtivista social e

da teoria crítica seriam outros paradigmas. Na perspectiva de Kün, é mediante a argumentação que a comunidade científica chega a um consenso com relação ao paradigma dominante. Portanto, o domínio de um paradigma sobre o outro, em algum momento da história, não seria devido à sua “superioridade” científica, mas, ao contrário, o resultado da força política dos cientistas que o defendem, bem como das condições históricas em que elas se sobressaem. Ainda assim, ele defendia a ideia de que o consenso pode ser “quebrado”, abrindo caminho para outros paradigmas entrarem em ação. Dessa forma, ainda que com perspectivas diferentes, as correntes que se opunham ao Positivismo foram todas compreendidas sob o rótulo de pesquisa qualitativa. E, por essa razão, passou-se a rejeitar a metodologia quantitativa que o caracterizava, bem como tudo que o Positivismo preconizava inclusive, a necessidade de rigor nas pesquisas em Educação.

Com a evolução da pesquisa qualitativa, essa dicotomia quantitativa versus qualitativa está sendo superada, embora não possamos interpretar essa evolução como um processo linear, cronológico, já que ainda predominam, no tempo e no espaço, ideias e perspectivas diversas, desde as que ainda acreditam no método científico, aquele que segue moldes “positivistas”, até outros que rejeitam qualquer ideal de objetividade e rigor, caindo em um “vale-tudo”, em pesquisa, isso muito tem comprometido a qualidade de trabalhos em Educação. Entretanto, enquanto participante do processo de construção de conhecimento, idealmente, o pesquisador não deveria escolher entre um método e outro, mas utilizar as várias abordagens, qualitativas e quantitativas que sejam adequadas à sua questão de pesquisa, pois, do ponto de vista prático, existem razões de ordens diversas que podem induzir um pesquisador a escolher uma abordagem ou outra.

Por outro lado, ressaltamos: é complicado aproximarmos de um tema de pesquisa a partir de paradigmas distintos. Autores como Turato (2004), por exemplo, argumentam contra abordagens que combinam métodos qualitativos e quantitativos. Entretanto, nossa perspectiva é a que uma abordagem mista não necessariamente implica numa indefinição ou confusão metodológica. Isso porque, a escolha de cada método precisa estar adequada à pergunta que está sendo estudada. Ocorre que, perguntas de pesquisa são frequentemente multifacetadas, comportam mais de um método. Cabe, portanto, ao pesquisador discernir, com competência e sabedoria, o caminho a ser seguido, o que pode implicar modificação das questões, decorrentes das habilidades e do tempo disponível do pesquisador. Em outras palavras, a questão não é colocar a pesquisa qualitativa versus a pesquisa quantitativa; não é decidir-se pela pesquisa qualitativa ou pela pesquisa quantitativa. A questão tem implicações de natureza prática, empírica e técnica. Logo é fundamental considerarmos os recursos naturais, temporais e pessoais disponíveis para lidar com uma determinada pergunta científica. Portanto, nossa tarefa é encontrar e usar a abordagem teórico-metodológica adequada é imprescindível para os resultados pretendidos.

Por fim, é freqüente na literatura sobre pesquisa qualitativa encontrarmos sua definição sempre em contraponto com a pesquisa quantitativa. Günther (2006 p. 202 a 208) apresenta alguns contrastes e comparações entre ambas valendo-se de seis “atributos” da pesquisa qualitativa conforme apresentaremos a seguir.

a) Características da pesquisa qualitativa

Nessa abordagem, prevalece a primazia da compreensão como princípio do conhecimento, ou seja, opta-se por estudar as relações complexas de um fenômeno no lugar de explicá-lo por meio do isolamento de variáveis. A pesquisa, assim, é percebida como um ato subjetivo de construção. Além disso, apesar da crescente importância do material visual, a pesquisa qualitativa é uma ciência baseada em textos; a coleta de dados produz textos, que nas diferentes técnicas analíticas são interpretados analiticamente. Nessa perspectiva, o estudo de caso é considerado como ponto de partida ou elemento essencial da pesquisa qualitativa, que se caracteriza, também, por uma gama de métodos e técnicas adaptados ao caso específico, ao invés de um método único, padronizado. Nesse caso, o método deve adequar-se ao objeto de estudo. Esse objeto de estudo, por sua vez, sempre é visto na sua historicidade. Em outras palavras, acontecimentos e conhecimentos cotidianos são elementos-chaves na interpretação dos dados; não estando, portanto, desvinculados da vida fora do mesmo. Implica, ainda, um processo de reflexão contínua do pesquisador, na sua interação com o seu objeto de estudo. Por fim, à medida que os achados da pesquisa qualitativa se apoiam em estudo de caso, estes dependem de uma argumentação explícita apontando quais generalizações seriam factíveis para circunstâncias específicas. Ao contrário, no caso da pesquisa quantitativa, uma amostra representativa asseguraria a possibilidade de generalização dos resultados.

b) Postura pessoal do pesquisador

Enquanto na pesquisa qualitativa há aceitação explícita da influência de crenças e valores sobre a teoria, sobre a escolha de tópicos de pesquisa, sobre o método e sobre a interpretação de resultados, na pesquisa quantitativa, crenças e valores pessoais não são considerados fontes de influência no processo científico. Ainda assim, precisamos relativizar essa informação já que o que se coloca, no desenvolvimento de uma pesquisa, é como lidar com essas influências, seja pesquisa qualitativa, seja quantitativa. Desse modo precisamos verificar o envolvimento emocional do pesquisador com o seu tema de investigação, pois, a aceitação desse envolvimento caracteriza a pesquisa qualitativa; já a intenção de controlá-lo, ou a sua negação caracterizam a pesquisa quantitativa.

c) Estratégias de coleta de dados

Na abordagem qualitativa, admite-se uma relativa falta de controle de variáveis estranhas ou, ainda, a constatação de que não existem variáveis interferentes e irrelevantes. Todas as variáveis do contexto são consideradas importantes; ao passo que, na estratégia quantitativa, tenta-se obter um controle máximo sobre o contexto, inclusive produzindo ambientes artificiais com o objetivo de reduzir ou eliminar a interferência de variáveis irrelevantes. Entre as variáveis irrelevantes e potencialmente interferentes, incluem-se tanto atributos do pesquisador (seus valores) quanto variáveis contextuais ou atributos do objeto de estudo que “não interessam” naquele momento.

Mesmo considerando a importância da classificação e delimitação de variáveis, uma questão estratégica no processo de pesquisa, seja ele qualitativo ou quantitativo, não implica que as demais variáveis sejam consideradas imprecisas: uma boa pesquisa

sempre está aberta ao surgimento de novas variáveis e a explicações alternativas do cenário considerado no início da investigação.

d) Estudo de caso

Abordagens qualitativas que tendem a serem associadas a estudos de caso dependem de estudos quantitativos que visem gerar resultados generalizáveis, isto é, parâmetros. Desse modo, dilui-se a controvérsia entre o estudo de caso, isto é, uma investigação aprofundada de uma instância de algum fenômeno, e o estudo envolvendo um número estatisticamente significativo de instâncias de um mesmo fenômeno, a partir do qual seria possível generalizar para outras instâncias. Além do mais, num estudo de caso, é possível utilizar tanto procedimentos qualitativos quanto quantitativos.

e) Papel do sujeito

Do mesmo modo que se aborda a questão do envolvimento emocional e valorativo do pesquisador com a temática do seu estudo, deve-se indagar, também, sobre o grau de passividade dos participantes de uma pesquisa. Até que ponto os sujeitos de um estudo de caso são envolvidos na concepção, realização e interpretação de resultados de uma pesquisa? Eis a associação feita: um participante ativo supõe uma pesquisa qualitativa; já um participante passivo, é “sujeito” de uma pesquisa quantitativa.

f) Finalidade e uso da pesquisa

Embora as razões não sejam claras, a posição da primazia da pesquisa aplicada é associada à pesquisa qualitativa e da pesquisa básica, à pesquisa quantitativa. Essa associação pode estar relacionada ao processo de “tradução” da questão inicialmente qualitativa em estratégias de coleta de dados quantitativos e à “(re) tradução” dos resultados quantitativos para uma resposta qualitativa. É a postura do pesquisador diante de seu objeto de estudo que pode levar a estratégias de pesquisa diferentes, mas isso não significa que uma ou outra atribua maior valor ao contexto sociocultural da pesquisa.

Em síntese, os pontos listados acima constituem (devem constituir) preocupações de qualquer pesquisador. Além disso, conforme demonstramos anteriormente, são características da pesquisa qualitativa sua grande flexibilidade e adaptabilidade. Ao invés de utilizar instrumentos e procedimentos padronizados, a pesquisa qualitativa considera cada problema objeto de uma pesquisa específica para a qual são necessários instrumentos e procedimentos específicos. Tal postura requer, portanto, maior cuidado na descrição de todos os passos da pesquisa que podem ser explicitados pelos critérios abaixo, formulados em termos de perguntas como:

- As perguntas da pesquisa são claramente formuladas?
- O delineamento da pesquisa é coerente com os objetivos e as perguntas?
- Os paradigmas e os construtos teóricos foram bem explicitados?
- A posição teórica e as expectativas do pesquisador foram explicitadas?
- Adotaram-se regras explícitas nos procedimentos metodológicos?
- Os procedimentos metodológicos são bem documentados?
- Adotaram-se regras explícitas nos procedimentos analíticos?

- Os procedimentos analíticos são bem documentados?
- Os dados foram coletados em todos os contextos, tempos e pessoas sugeridos pelo delineamento?
- O detalhamento da análise leva em conta resultados não esperados e contrários ao esperado?
- A discussão dos resultados leva em conta possíveis alternativas de interpretação?
- Os resultados são - ou não – congruentes com as expectativas teóricas?
- Explicitou-se a teoria que pode ser derivada dos dados e utilizada em outros contextos?
- Os resultados são acessíveis, tanto para a comunidade acadêmica quanto para os usuários no campo?
- Os resultados estimulam ações – básicas e aplicadas – futuras?

4. PROPOSTA DE ESTRUTURAÇÃO DE UMA MONOGRAFIA

Para a apresentação final do texto monográfico, cada instituição de ensino adota um determinado padrão. Sugerimos, neste texto, a seguinte estruturação: uma primeira parte, usualmente designada para-textos ou elementos pré-textuais; uma segunda parte – núcleo da pesquisa – composta pelos elementos textuais, ou seja, o texto propriamente dito; e, uma terceira e última parte, composta de bibliografia e anexos, quando houver, considerada como os elementos pós-textuais do texto monográfico.

4.1- Elementos pré-textuais ou preliminares

Geralmente, uma monografia apresenta os seguintes elementos preliminares:

Capa- Reveste e protege o corpo do trabalho, contendo os elementos essenciais de identificação da monografia, conforme a instituição a que pertence o aluno, além do título, autor, local, mês e ano.

Folha de rosto- Nela deve-se apresentar a instituição de ensino, título, autor, dados do professor orientador (nome e titulação), local, mês, ano.

Folha de apresentação- Registra-se o nome do autor do trabalho, título, dados da apresentação, membros da banca (quando for o caso), local e data;

Dedicatória- É opcional.

Agradecimentos- Também é opcional.

Epígrafe – É opcional, devendo ser seguida da autoria e relacionar-se à matéria tratada no trabalho.

Sumário – Indica as principais divisões do trabalho, na ordem em que se sucedem, ou seja, apresenta informações sobre o conteúdo da monografia, para orientar o leitor sobre a sequência lógica dos diferentes capítulos, seções e o número das páginas nas quais se encontram ao longo do texto.

Lista de ilustrações – Apresenta o índice de figuras, tabelas/quadros, se houverem.

Resumo – Trata-se de uma apresentação concisa (de uma página) dos pontos relevantes do texto. Inclui breve descrição do problema, objetivos, metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho, resultados e conclusões.

4.2. Elementos textuais – núcleo do texto

Na segunda parte, designada núcleo da pesquisa ou elementos textuais, ou texto propriamente dito, encontra-se, no geral, a **introdução**, que consiste na parte inicial do texto. Nela expomos o assunto como um todo. Nesse tópico, devemos expor a natureza e a importância do trabalho, a relação do assunto com outros estudos sobre a mesma temática, as razões que nos moveram à realização do trabalho, suas limitações e

objetivos. Em geral, concluímos a introdução anunciando a estrutura dos capítulos que compõem a monografia.

Os capítulos, independentemente de sua quantidade, devem abordar, em detalhes, os seguintes tópicos: o problema da pesquisa e o seu contexto mais geral referente ao assunto em questão; apresentando, sempre que possível, as informações atualizadas e estudos recentes, com vistas a proporcionar maior consistência ao trabalho.

Nas **conclusões** ou considerações finais devemos reunir o conjunto das conclusões atingidas no desenvolvimento da monografia de forma coerente com os objetivos propostos inicialmente. Os pontos conclusivos podem ser agrupados em gerais e específicos e devem apresentar as interpretações e análises realizadas. Além disso, os assuntos derivados do desenvolvimento da monografia, que não foram devidamente explorados no trabalho (por extrapolarem a pretensão inicial), podem ser apresentados como sugestões para futuras pesquisas e/ou trabalhos.

4.3. Elementos pós-textuais

Composto basicamente pela bibliografia, esta parte do texto ainda pode conter, quando for o caso, anexos em geral. No caso da bibliografia, visa apresentar ao leitor as obras citadas ou consultadas, relacionada ao tema abordado, proporcionando um referencial bibliográfico para eventual aprofundamento do tema ou para uma revisão do trabalho. Nessa parte devemos relacionar todos os autores em ordem alfabética, tanto os referenciados na monografia quanto os consultados e não referenciados. Para cada obra devemos descrever os seguintes dados: autor, título da obra, edição, local da publicação, editora, data e número de páginas.

5 - CONCLUSÃO

Pretendemos, ao longo deste texto, oferecer elementos para a elaboração de uma monografia. Trata-se de um processo de construção lento e progressivo, que requer postura investigativa respeitosa e adequada. E isso não se aprende. Procuramos mostrar como um pesquisador maneja os conteúdos, planeja situações para o pesquisador iniciante possa realizar sua investigação partindo do lugar em que se encontra possa ir sempre um pouco além. Desse modo, adquirir o domínio do ato de pesquisar. Esta é a finalidade das afirmações feitas ao longo deste texto, cabendo, para finalizarmos, ressaltarmos alguns pontos aqui discutidos:

- Aprender a pesquisar significa aprender a encontrar sentido e interesse na pesquisa. Significa aprender a se considerar competente para a realização de tarefas de investigação e a sentir a experiência investigativa como ação gratificante.
- Aprender a pesquisar também significa aprender a ser ativo ante a temática de interesse, se auto-investigando sobre o conhecimento e sobre a própria investigação. Em suma, significa aprender a ser ativo, curioso e a exercer controle sobre a própria aprendizagem.
- Aprender a pesquisar é condição necessária para poder se relacionar de forma autônoma com o conhecimento. As estratégias de pesquisa aprendidas em contextos significativos contribuem para a consecução da finalidade geral da construção do conhecimento.
- Aprender a pesquisar requer que se ensine a pesquisar. O modelo de pesquisador oferecido pelo professor e os procedimentos metodológicos selecionados não são uma opção, mas uma necessidade.
- Ensinar a pesquisar exige observação ativa do aluno e da própria pesquisa, como requisitos para estabelecer situações investigativas, capazes de adaptar à diversidade do processo de pesquisa.
- Assim como outras coisas, ensinar a pesquisar é uma questão de compartilhar. Compartilhar objetivos, compartilhar procedimentos de pesquisa, compartilhar os significados construídos em torno dos dados. No entanto, nessa atividade compartilhada, a responsabilidade do professor orientador é diferente da do pesquisador iniciante, pois o primeiro pode se colocar ao nível do segundo para ajudá-lo a alcançar os objetivos pretendidos.
- Refletir, planejar e avaliar as etapas da pesquisa constituem requisitos para otimizá-la, para modificá-la quando for necessário e na direção conveniente. Tão pouco útil resulta a rotina impermeável aos múltiplos fatores e variáveis que intervêm no desenvolvimento da pesquisa, quanto à mudança repentina, pouco refletida, provocada pela adoção mais ou menos passageira de atividades circunstanciais.

Concluindo, procuramos com este texto refletir sobre a elaboração de uma monografia. Enfatizamos a sua importância na formação inicial de profissionais da educação, não como objetivo em si mesma, mas para ajudar o aluno a compreender o que significa realizar um trabalho de natureza monográfica em um contexto mais amplo.

Queremos ressaltar, a importância dos pré-requisitos para o desenvolvimento de uma boa pesquisa. Entendemos essa iniciação à pesquisa como uma atividade complexa, através da qual construímos um significado para um tema de nosso interesse. Em nenhum caso, advertimos, devemos pensar em um estudo investigativo alheio ao campo de atuação e interesse de que investiga.

Por fim, conforme expressamos neste texto, a realização de uma monografia bem sucedida exige muito investimento por parte do pesquisador. O trabalho com outras fontes permitirá o aprofundamento das ideias apresentadas, consolidando, dessa maneira, as condições para a realização de um estudo adequado. Aprender a pesquisar não é muito diferente de aprender outros procedimentos. Exige que o pesquisador possa dar sentido àquilo que se propõe; que disponha de bibliografia consistente para apoiá-lo e que tenha, ao seu alcance, a ajuda de um professor-orientador. Assim, ele poderá transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro, cheio de obstáculos e inalcançável.

b. REFERÊNCIAS

CARVALHO, M.C. de (org.) (1997) Construindo o saber – Metodologia Científica: fundamentos e técnicas. 6ª Ed. Campinas: Papirus.

GÜNTHER, Hartmut.(2006) Pesquisa Qualitativa versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? Revista Psicologia: teoria e pesquisa. Brasília, maio-agosto 2006, vol. 22 n.2. PP. 201 a 210.

INÁCIO FILHO, G. A.(1995) A monografia na universidade. Campinas. São Paulo: Papirus.

MAZZOTI-ALVES, A.J. & GEWANDSZNAJDER, F. O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

MINAYO, M.C. de S. (1994) (org.) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis, Vozes.

_____ (1996) O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 4 ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO.

TURATO, E. R. (2004) A questão da complementariedade e das diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária. Em S. Grubits & José A. V. Noriega. (orgs.), Método qualitativo:epistemologia, complementariedade e campos de aplicação (PP. 17-51) . São Paulo; Vetor Editora.





ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

Atividade 1

Neste texto apresentamos algumas premissas que orientam nossa concepção de pesquisa. Escolha três delas para orientar sua atividade de iniciação à pesquisa. Explique o porquê de suas escolhas.

Atividade 2

Aponte as características essenciais de cada modalidade de monografia descrita neste texto.

Atividade 3

Escreva uma questão ou um tema que você ache muito importante investigar.

Atividade 4

Justifique-se, apresentando alguma (s) boa (s) razão (ões) para que esse tema ou questão seja investigado.

Atividade 5

Descreva os elementos principais para a definição de um problema de pesquisa.

Atividade 6

Que relações são estabelecidas entre o problema de pesquisa, os objetivos pretendidos e os procedimentos metodológicos?

Atividade 7

Releia o texto com atenção e comente, de modo articulado, os pressupostos básicos das duas abordagens de pesquisa: a quantitativa e a qualitativa.

Atividade 8

Procure refletir sobre a postura a ser assumida pelo pesquisador em seu processo de estudo, relacionando essa postura aos procedimentos metodológicos apresentados e faça um resumo do que julgar mais importante.

Atividade 9

Recolher informações sobre uma realidade ou realizar uma coleta de dados exige preparação e cuidado nos procedimentos. Identifique, no texto, as indicações que foram dadas para uma boa coleta de dados.

Atividade 10

Comente, em um parágrafo, como as informações apreendidas neste texto contribuíram ou não para esclarecer o processo de realização de uma monografia.

RESPOSTAS

Atividade 1

De cunho pessoal. Espera-se, entretanto, que o aluno estabeleça vínculos com suas idéias de pesquisa.

Atividade 2

a) Pesquisa Bibliográfica

Em linhas gerais, trata-se de investigação de natureza teórica, com foco em tema cuja bibliografia encontra-se consolidada. Configura-se, basicamente, em análise crítica e/ou comparativa de uma obra, teoria ou modelo já existente. Nesse tipo de pesquisa não há coleta de dados.

b) Pesquisa Empírica

Pressupõe investimento em documentos ou pesquisas de campo, pesquisas laboratoriais, entre outras fontes de coletas de dados. Configura-se como uma análise interpretativa de dados coletados a respeito de um tema ou problema.

c) Relato de Experiência

Origina-se de uma experiência ou projeto pedagógico já realizado ou em realização. Pressupõe clareza acerca da distinção entre a pesquisa e o relato de um trabalho prático executado ou em andamento. Pressupõe problematização de experiência realizada e a análise crítica das questões levantadas.

Atividade 3

Resposta de cunho pessoal.

Atividade 4

Resposta de cunho pessoal.

Atividade 5

O aluno deverá abordar os seguintes elementos: escolha do tema, definição de objetivos, estabelecimento de sua pertinência e viabilidade, demarcação dos limites em relação à questão a ser pesquisada e, clareza quanto a sua exeqüibilidade no contexto de um trabalho monográfico.

Atividade 6

O aluno deverá abordar a importância da definição dos objetivos para a qualidade da construção de um problema de pesquisa. Deverá, com base nesse raciocínio de articulação, explicitar que a intenção de pesquisa, ou seja, sua questão é dirigida pelos objetivos que se pretende alcançar com ela. Por outro lado, os objetivos determinam, também, tanto as estratégias metodológicas a serem utilizadas na investigação quanto o investimento teórico demandado pelo tema escolhido.

Atividade 7

O aluno deverá desenvolver o argumento de que as abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa, no momento atual, não são mais excludentes; que embora difiram quanto à forma e à ênfase, relacionam-se entre si e dão contribuições específicas e complementares à pesquisa no campo da educação. Nessa perspectiva, deverá comentar sobre as características básicas de cada uma enfatizando os seguintes aspectos: postura pessoal do pesquisador, estratégia de coleta de dados, papel do sujeito e finalidades e usos da pesquisa nas duas abordagens.

Atividade 8

O aluno deve ressaltar a importância da postura investigativa a ser assumida pelo pesquisador e sua constante avaliação acerca da pertinência dos procedimentos metodológicos definidos inicialmente.

Atividade 9

O aluno deverá se valer das discussões empreendidas ao longo do texto e, de modo especial, aos critérios explicitados, em forma de perguntas, que se encontram na página 24.

Atividade 10

Resposta de cunho pessoal.



ESTUDO COMPLEMENTAR

CARVALHO, M.C.M. de (org.) (1997) Construindo o Saber – Metodologia Científica: fundamentos e técnicas. 6ª Ed. Campinas: Papirus.

MOROZ, M. e GIANFALDONI.M.H.T.A. (2002) O processo de pesquisa: iniciação. Brasília: Editora Plano.

SEVERINO, A.J. (2000) Metodologia do trabalho científico. 21ª Ed. São Paulo: Cortez.



ISBN 978-85-8007-005-7



O Curso de Pedagogia UAB UFMG proposto pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais visa à formação inicial de professores para a Educação Infantil e os quatro anos iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se de um curso a distância, com momentos presenciais, desenvolvido pela UFMG em parceria com prefeituras de municípios onde foram criados os Pólos Municipais de Apoio Presencial, nos moldes definidos no Edital SEED/MEC no 1/2005, de 16 de dezembro de 2005.

O curso de Pedagogia UAB UFMG tem como referência o curso Veredas – Formação Superior de Professores, oferecido a professores da 1ª à 4ª série do ensino fundamental, em exercício nas redes públicas de Minas Gerais. O curso foi considerado, por educadores e entidades educacionais de renome, como inovador, tanto na concepção de formação de professores quanto na organização e dinâmica de gestão.

O Curso de Pedagogia UAB UFMG foi organizado na forma de um curso de graduação plena, distribuído em oito módulos, com duração prevista de quatro anos. Habilita para o exercício do magistério na educação infantil e nos quatro primeiros anos do ensino fundamental, de acordo com os requisitos contemporâneos para os profissionais da área de educação e as determinações legais vigentes no Brasil.

